

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA RELAÇÃO COM O MAL-ESTAR DOCENTE

ANTUNES, Fabiana Ritter¹
fabizeenhaa@yahoo.com.br

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

RESUMO

Este estudo teve como objetivo abordar a construção da identidade de professores de Educação Física e a sua relação com o mal-estar docente. O estudo constituiu de uma abordagem bibliográfica, onde elencamos alguns aspectos importantes a serem considerados ao tratarmos sobre a realidade encontrada no dia-a-dia dos professores de Educação Física. Como considerações parciais, temos que este tema nos traz novos questionamentos a respeito das causas e das conseqüências do mal-estar docente na construção da identidade profissional dos professores de Educação Física, em uma dimensão até então pouco conhecida pela comunidade.

Palavras –Chave: Professores; Mal-estar docente; Identidade Docente;

INTRODUÇÃO

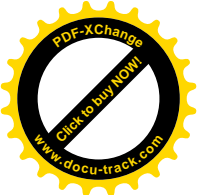
“Assumir as novas funções que o contexto social exige dos professores supõe domínio de uma ampla série de habilidades pessoais que não podem ser reduzidas ao âmbito da acumulação do conhecimento” (ESTEVE, 1999, p.38).

Atualmente o trabalho docente é algo dinâmico e em constante transformação, assim como a própria sociedade. Há três décadas, por exemplo, um professor recém-formado na Universidade era considerado um profissional pronto e tinha praticamente vaga garantida nas áreas de trabalho. Hoje o cenário é bem diferente, visto que se não houver atualização constante - seja por cursos em universidades, instituições, outras entidades de ensino ou mesmo a partir de processos autodidatas - corre-se o risco de ficar defasado e não ser mais considerado apto para exercer sua profissão.

Este processo de mudança não ocorreu de uma hora para outra. As exigências do mercado e a adaptação das universidades começaram lentamente na década de 1980 e se propagaram nos anos 1990.

As reformas do Ensino Básico a Declaração de Bolonha, são um efeito da deslocação semântica e conceitual que a escola, e o professor têm vivido nas últimas décadas, na sociedade pós-moderna.

¹ Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria – RS. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física (GEPEF/UFSM). fabizeenhaa@yahoo.com.br



2

Todas as mudanças no contexto social, econômico, político, nas últimas décadas, tem tido impacto direto na escola. Tem produzido efeitos perversos na vida dos professores que se vem pressionado pela sociedade, no sentido de cumprirem um papel que de acordo com Esteve (1999) se encontra defasado da realidade da escola.

A escola é o local, por excelência, do trabalho do professor e os professores confrontam-se hoje com problemas e dificuldades que, no passado, tinham, comparativamente, pouca expressão, conseqüência das grandes mudanças culturais, sociais, políticas e econômicas, sobretudo nas três últimas décadas do século XX.

E se tratando especificadamente das aulas de um professor de Educação Física, quando o mesmo é visto em um pátio de uma escola, onde seus alunos estão a realizar alguma atividade e o professor está a uma distância observando seus alunos, quem passa pela frente da escola logo pensa: lá está o “professor rola bola”, um professor que não que mais nada com nada, contudo, poucas pessoas têm o conhecimento da rotina de um professor de 40horas/aula, onde o mesmo pode estar passando por momentos dramáticos em seu processo de formação.

De acordo com Costa (2001) nenhum professor, entre eles o da disciplina de Educação Física, estão imunes ao mal-estar docente que poderá estar mascarado ou presentificado em atitudes, gestos e palavras que muitas vezes se revelam como algo merecedor de um olhar mais profundo.

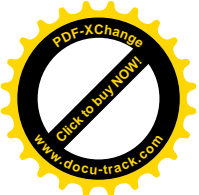
Neste direcionamento citamos Esteve (1999) que coloca que a rápida transformação do contexto social é um dos modificadores do papel docente e causadores do mal-estar docente.

Assim, no direcionamento desta situação, o objetivo deste ensaio foi abordar a construção da identidade de professores de Educação Física e a sua relação com o mal-estar docente. Neste sentido, o ensaio trata-se de uma pesquisa bibliográfica que é entendida por Gil (1999, p.65), como sendo aquela “desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Mas, para um melhor entendimento desta temática abordamos algumas questões, entre elas as descritas a seguir.

O MAL-ESTAR DOCENTE: CONCEITO, CAUSAS E POSSÍVEIS CONSEQUÊNCIAS

A expressão mal-estar docente está intrinsecamente associada ao conceito de insatisfação profissional, segundo Esteve (1992), o tópico mal-estar docente está sendo utilizado na literatura pedagógica e psicológica há bastante tempo, para descrever aqueles efeitos permanentes de caráter negativo que afetam a personalidade do docente, enquanto pessoal e profissional, como resultado das condições psicológicas e sociais que se exercem durante sua docência.



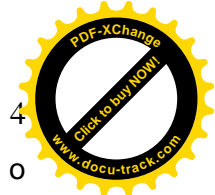
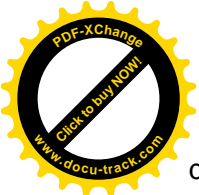
Ainda conforme Esteve (1992) o mal-estar docente caracteriza-se por "uma autêntica crise de identidade coletiva dos professores". O desconcerto sobre os objetivos, os conteúdos e os métodos de seu trabalho, unido a pouca valorização material, e ao baixo reconhecimento social de seu trabalho, os têm conduzido a uma situação de mal-estar verificável em suas manifestações verbais e em suas atitudes diante do ensino.

Para Blase (*apud* ESTEVE, 1999), há dois tipos de fatores que provocam mal-estar na docência os de segunda e os de primeira ordem, expostos s seguir: 1) Fatores primários - referem-se aos que incidem diretamente sobre a ação do professor em sala de aula, gerando tensões associadas a sentimentos e emoções negativas. Estes fatores constituem a base empírica do mal-estar docente. São três os principais tipos de fatores primários: a) Os recursos materiais e as condições de trabalho; b) O esgotamento docente devido a acumulação de exigências sobre o professor; e, c) A violência nas instituições escolares; e, 2) Fatores secundários - referem-se às condições ambientais, ao contexto em que se exerce a docência. A ação destes fatores é indireta, afetando a eficácia docente ao promover uma diminuição da motivação do professor em seu trabalho, de sua implicação e de seu esforço. Estes fatores isolados, tem apenas significado intrínseco, mas, quando se acumulam, influem fundamentalmente sobre a imagem que o professor tem de si mesmo e de seu trabalho profissional, gerando uma crise de identidade que pode chegar, inclusive à auto-depreciação do ego. São cinco os principais tipos de fatores secundários: a) A modificação do papel do professor e dos agentes tradicionais de socialização; b) As contestações e contradições da função docente; c) As modificações do apoio do contexto social; d) Os objetivos do sistema de ensino e o avanço do conhecimento; e, e) A imagem do professor.

Jesus (1997) afirma que o mal-estar docente é um fenômeno atual e grave atingindo professores de diversos países, e diz ainda que é um fenômeno complexo no qual estão envolvidos múltiplos fatores. Para efeito de sistematização o autor situa estes fatores no plano sócio-político, no plano da formação de professores e no plano da atuação dos professores. Os sintomas do mal-estar docente estão claramente personificados nas greves, nas faltas, nos atestados de saúde e outras tantas formas de justificar a ausência no local de trabalho.

O conceito de mal-estar docente para Esteve (1992), é o termo que melhor exprime a realidade, na medida em que o termo *burnout*, embora seja muitas vezes utilizado com a mesma amplitude do termo mal-estar, refere-se apenas a uma das possíveis conseqüências da noção de mal-estar na profissão docente que procura descrever, ainda o mesmo autor revela que os efeitos negativos permanentes que afetam a personalidade do professor em resultado das condições psicológicas e sociais em que exerce a sua docência.

Portanto, o autor supracitado revela que o conceito de mal-estar traduz uma realidade atual composta de diversos indicadores, como sejam: a insatisfação profissional, o



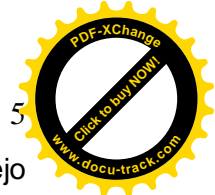
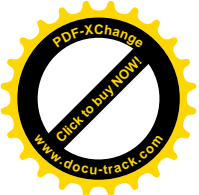
desinvestimento profissional, a desresponsabilização, o desejo de abandonar a docência, o absentismo, a fadiga, a ansiedade, o stress e, um nível de maior gravidade, a neurose, a depressão e, até, a exaustão.

As manifestações do mal-estar docente constituem um processo seqüencial que vai desde o cansaço e a auto-desvalorização até a depressão ou outros quadros do foro psicopatológico. O aparecimento de problemas relacionados com o mal-estar dos professores começa com sintomas de fadiga, evoluindo para perturbações do sono, modificações de comportamento e da atividade intelectual; estes sintomas intensificam-se e dão lugar a outros de nível digestivo e cardiovascular. A combinação deste conjunto de desequilíbrios reflete-se, posteriormente, a nível psíquico, provocando perturbações neuróticas e depressivas.

O mal-estar, segundo Jesus e Pereira (1994), pode manifestar-se ainda através de diversos sintomas situados em diferentes planos: biofisiológico; comportamental; emocional; e, cognitivo.

A classificação de Villa (*apud* RAMOS, 2004) dos indicadores e potenciais fatores de mal-estar docente, apresenta um quadro bastante completo, subdividindo-o em fatores de primeira ordem e fatores de segunda ordem. Os fatores de primeira incidem sobre o comportamento do professor na sua aula: recursos materiais e condições de trabalho. A falta de recursos materiais não refere apenas o material didático, mas, de igual modo, problemas da conservação dos prédios, penúria do imobiliário, falta de aquecimento. Porém as limitações institucionais interferem fortemente na atuação prática dos professores, os problemas de horários, as normas internas, as regras pouco flexíveis; violência nas instituições escolares: a violência nas escolas pelos seus efeitos sobre a segurança e autoconfiança dos professores, é mais importante no plano psicológico do que no plano empírico, real e quantificável; esgotamento e acumulação de exigências sobre o professor: os sintomas incluem um elevado absentismo, falta de comprometimento, aumento do desejo de férias, estima pessoal baixa, incapacidade para levar a escola a sério e separação crescente na relação professor/ aluno devido a problemas.

Segundo Esteve (1995), o absentismo é caracterizado pela ausência de curta duração em que o professor não comparece ao trabalho, não justifica a falta, e, no máximo, restringe-se a uma chamada telefônica. Aparece como uma reação freqüente para acabar com a tensão que deriva do exercício docente. A atuação na aula se torna mais rígida, o professor procura não se envolver, reduzindo o âmbito dos conteúdos sem buscar relações com o que seus alunos vivem. Tem dificuldades de aceitar situações novas, preferindo manter-se em uma rotina que, aos poucos, vai se tornando mais limitada, ocasionando um comportamento inflexível. Sua capacidade fica prejudicada, tornando seu desempenho moroso e pouco criativo.



De acordo com diversos autores, a insatisfação profissional, absentismo e o desejo de abandono da profissão são as três referências mais recorrentes acerca das conseqüências do mal-estar docente.

Para Nóvoa (1992) algumas das conseqüências que atingem os professores são: a) Desmotivação pessoal e elevados índices de absentismo e de abandono; b) Insatisfação profissional traduzida numa atividade de desinvestimento e indisposição constante; c) Recurso sistemático a disensor-álibi de desestabilização; d) Ausência de uma reflexão crítica sob a ação profissional; e, e) Outras.

Salienta ainda que esta espécie de auto-depreciação é acompanhada por ser um sentimento generalizado de desconfiança em relação às competências e à qualidade do trabalho dos professores alimentados por círculos intelectuais e políticos que dispõem de um importante poder simbólico nas atuais culturas de informação.

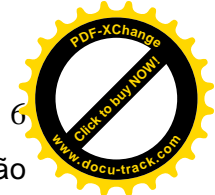
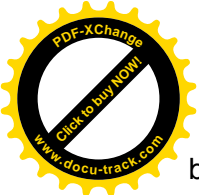
Segundo Moura (2000), existem dez maiores fontes do esgotamento para os docentes, que são: 1) desmotivação dos alunos; 2) comportamento indisciplinado dos alunos; 3) falta de oportunidades de ascensão na carreira profissional; 4) baixos salários; 5) más condições de trabalho (falta de equipamentos e instalações adequadas); 6) turmas excessivamente grandes; 7) pressões de tempo e prazos; 8) baixo reconhecimento e pouco prestígio social da profissão; 9) conflitos com colegas e superiores; 10) rápidas mudanças nas exigências e adaptação dos currículos.

Tais problemas não são desconhecidos, manifestações grevistas freqüentes, além de a própria mídia, constantemente informam e alertam sobre esta realidade, no entanto, pouco se tem feito a no sentido de mudá-la.

O mal-estar docente tem como causas múltiplos fatores nomeadamente pessoais ou da vida privada, tais como: relações estabelecidas com alunos; relações estabelecidas com colegas, relações estabelecidas com encarregados de educação; processo ensino-aprendizagem; condições de trabalho; contexto socioeducativo e integra diversos sintomas e manifestações psicossomáticas, comportamentais, emocionais e cognitivas. Este fenômeno é composto por diversos indicadores que podem ser: a insatisfação profissional, o stress, o absentismo, o baixo empenhamento profissional, o desejo de abandono da profissão docente, podendo, em situação de maior gravidade, traduzir-se em estados de exaustão (burnout) e até mesmo depressão. (ESTEVE, 1992; PEREIRA, 1996; JESUS; PEREIRA, 1994; CORDEIRO ALVES, 1997; ESTRELA, 1997).

Sabemos das causas econômicas, políticas, sociais, profissionais deste clima de no mínimo mal-estar, mas quase nada nos é apontado sobre a pessoa do docente, seu desenvolvimento, suas inquietações, interesses, sentimentos, valores e expectativas.

Portanto, todos nós educadores em amplo sentido, estamos cientes da necessidade de conhecer melhor a realidade social em, que vivemos e nossa realidade como pessoa,



bem como detectar que mal-estar está presente na identidade dos professores de Educação Física.

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE

No que se refere à formação da identidade docente, temos que tanto o imaginário social como o nosso imaginário de professor podem ser construídos baseados nos professores que tivemos na nossa vida escolar, dentre outras maneiras. Por isso, torna-se importante resgatarmos nossos tempos de infância e adolescência, nossas primeiras vivências escolares, procurando ver as marcas que trazemos destes tempos-espacos e o quanto estas incorporam o nosso 'modo de ser' e 'dever-ser' de educadores. Esses são momentos de muita profundidade, intimidade e reflexão que por vezes nos desestabilizaram, pois nos confrontamos com os diferentes processos de constituição das nossas identidades pessoais e profissionais, mas que nem sempre assumimos ou queremos assumir.

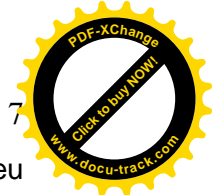
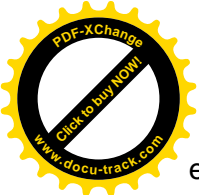
Por isso, pode-se considerar este aspecto como um fator que influencia na construção da nossa identidade docente, pois, nos baseamos nas diferentes identidades dos professores que encontramos ao longo da nossa trajetória escolar, às vezes de forma positiva, outras vezes de forma negativa, dependendo das significações que fizemos destas. Independente da forma como nos marcaram, eles vão fazer parte da construção de nossa identidade de professores, e, conseqüentemente, de nossa práxis diária.

De acordo com Abraham (2000), os professores possuem o eu pessoal e o eu profissional. Percebe-se então que não há possibilidade de separação entre a profissão e a vida pessoal. O professor é uma pessoa, embora nem sempre tenha se assumido isso.

Acreditamos que o eu pessoal do professor compreenda as múltiplas identidades, riqueza de diversidade, apropriação subjetiva da identidade social e a personalidade dos sujeitos. Já o eu profissional compreende a construção com a dimensão espaço-temporal que atravessa a vida profissional, se constitui de saberes pedagógicos e científicos que servem de referência, tem marcas de opções tomadas, práticas desenvolvidas e experiências feitas.

A noção de eu compreende a subjetividade e as relações inter e intra-humanas, que representam aspectos da pessoa e do grupo. É uma instância psicológica construída ao longo das trajetórias dos professores, a fim de que mecanismos de defesa protejam da ansiedade excessiva, a pessoa e o grupo no contexto do mundo profissional (ABRAHAM, 1987; 2000).

O eu profissional compreende as relações do docente consigo e com os outros significantes de seu campo profissional. A base destas relações são as imagens, atitudes, valores, sentimentos, formas de conhecimento ou reconhecimento individual e coletivo que



ênfatizam a dimens3o social do eu profissional. O eu profissional se constitui do eu individual e do eu grupal. O eu individual  formado pelo eu real, pelo eu ideal, e pelo eu idealizado.

Já, o eu profissional grupal  formado pelos professores, e influenciado pelo contexto educativo, no qual o grupo atua e envolve suas diversas formas construtivas. O processo formativo da comunidade escolar envolve o eu grupal real, e o eu grupal ideal.

 preciso dar a devida ateno principalmente no desenvolvimento do eu profissional, pois o mesmo tem como base todos os sentimentos e experiências do cotidiano escolar, contribuindo assim para o processo de construo da identidade docente, tanto pessoal, profissional e principalmente social dos futuros professores.

CONSIDERAOES FINAIS

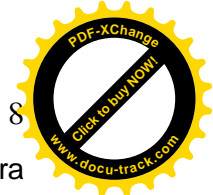
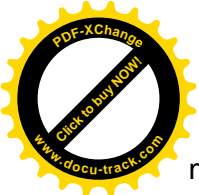
Sem a pretens3o de generalizar o assunto deste artigo e prescrever conclus3es definitivas, acredita - se que este estudo provoca reflex3es e novos questionamentos a respeito da realidade do cotidiano dos professores de Educao Física, numa dimens3o até ent3o pouco conhecida pela comunidade.

Contudo, destacamos algumas contribues que podem fazer com que reflitamos a respeito das causas e conseqncias desse mal-estar docente, o qual prejudica n3o s3o os alunos e membros diretivos de uma escola, mas a comunidade em que aquele professor está inserido e toda identidade pessoal profissional.

Portanto, devemos prestar ateno no(a): a) Formao inicial insuficiente para enfrentar o choque com a realidade escolar; b) Vasta exigência de paps sociais e profissionais que os professores devem exercer nas escolas; c) Ambiente de violência gerando uma insegurança pessoal enfrentado pelos professores; d) Conflitos nas relaes interpessoais com os outros professores no ambiente de trabalho; e, por fim, e) Dificuldade de lidar, com críticas dirigidas por diferentes setores da comunidade escolar.

A Educao Física, necessita de aprofundamento nesse assunto, porque n3o se pode afirmar que o mal-estar docente ocorra mais em docentes das áreas de Química, Matemática, Física, Biologia e outras, do que no âmbito da Educao Física e, tampouco, pode-se precisar que o problema seja mais visível nas mulheres do que nos homens.

Para finalizar, ainda Esteve (1992) destaca que o estudo do mal-estar docente como efeito de mudança social n3o deve entender-se como exercício de auto-complacência face aos males do ensino. Tem três funes bem precisas: 1) A de ajudar os professores a eliminar o desajustamento. Se as circunstâncias mudaram, obrigando-os a repensar o seu papel como professores, uma análise precisa da situao em que se encontram ajuda, sem dvida, a dar respostas mais adequadas às novas interrogaes. Provavelmente, muitas quest3es s3o de difícil soluço no âmbito da atuao individual de um professor isolado,



mas, mesmo neste plano, um conhecimento mais exato do problema pode contribuir para evitar o desajustamento; 2) O estudo da influência da mudança social sobre a função docente pode servir como chamada de atenção à sociedade, para que compreenda as dificuldades com que se debatem os professores. Um elemento importante no desencadear do mal-estar docente é a falta de apoio, as críticas e demissão da sociedade em relação às tarefas educativas, tentando fazer do professor o único responsável pelos problemas do ensino, quando estes são problemas sociais que requerem soluções sociais; e, 3) Só a partir do estudo do modo como a mudança social gera o mal-estar docente, é possível traçar linhas de intervenção que superem o domínio das sugestões, situando-se num plano de ação coerente, com vista à melhoria das condições em que os professores desenvolvem seu trabalho.

É preciso então, que os cursos de formação inicial, trabalhem com o desenvolvimento tanto da identidade pessoal, profissional e também social desses futuros professores, para que os mesmos, não cheguem à escola e se deparem com a difícil realidade e se deixem levar pelo efeito drástico do mal-estar docente.

REFERÊNCIAS

ABRAHAM, A. El universo profesional del enseñante: um laberinto bien organizado. In: ABRAHAM, A. (org.). **El enseñante es también una persona. Conflictos y tensiones em El trabajo docente**. Barcelona: Gedisa, 2000. PP.23-32. [original editado em Paris, 1984].

_____. **El mundo interior de los enseñantes**. Barcelona: Gedisa S.A., 1987,

COSTA, F.T.L. da. **Implicações do mal-estar docente**: estudo comparativo entre professores e professoras da Universidade de Cruz Alta, 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação / Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2001.

CORDEIRO ALVES, F. **O encontro com a realidade docente**, 1997. Tese (Doutorado) – Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 1997.

ESTEVE, J.M. **O mal-estar docente**: a sala de aula e a saúde dos professores. São Paulo: EDUSC, 1999.

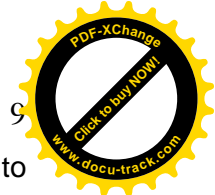
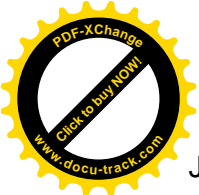
ESTEVE, J.M. **O mal-estar docente**. Lisboa: Fim de Século Edições, 1992.

ESTEVE, J.M. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão professor**. 2. ed., Porto: Porto Editora, 1995. p.93-124.

ESTRELA, M.T. **Viver e construir a profissão docente**. Porto: Porto Editora, 1997.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

JESUS, S.N.; PEREIRA, A.M.S. **Estudo das estratégias de coping utilizadas pelos professores. A componente de Psicologia na Formação de Professores e outros Agentes Educativos**. Évora: Universidade de Évora, 1994.



JESUS, S.N. **Bem-estar dos professores** - estratégias para realização e desenvolvimento profissional. Coimbra: FIG, 1997.

MOURA, E.P.G. Esgotamento profissional (burnout) ou sofrimento psíquico no trabalho: o caso dos professores da rede de ensino particular: In: SARRIERA, J.C. **Psicologia comunitária**: estudos atuais. Porto Alegre: Sulina, 2000.

NÓVOA, A. O passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão professor**. Porto Editora, 1992. p.9-32.

PEREIRA, A.S. Stress, burnout e coping no educador/profissional. In. CONGRESSO EUROPEU – AESMAEF, IV. **Anais**. Aveiro: Universidade de Aveiro: Aveiro, 1996.

RAMOS, S. (In) Satisfação e stress na profissão docente. **Revista Interações**, n.6. p.87-130, 2004.

WITTER, G.P. Prólogo. In: LIPP, M.N. (Org.). **O stress do professor**. Campinas: Papirus, 2002. p.9-10.